



Psicanálise como uma obra em construção*

*Cláudio Laks Eizirik***, Porto Alegre

O discurso de Cláudio L. Eizirik, ao tomar posse da presidência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) no 44º Congresso da IPA no Rio de Janeiro em julho de 2005, destaca o pluralismo psicanalítico lembrando os vários vértices teóricos e metapsicológicos e a importância de um possível solo comum, o material clínico e a evolução do processo psicanalítico. Destaca também a necessidade de compartilhar reais controvérsias e sugere que a psicanálise é uma obra em construção permanente que passa por uma transição e revisa seus conceitos.

Descritores: Pluralismo psicanalítico. Multiplicidade de vértices teóricos e metapsicológicos. Processo psicanalítico. Controvérsias em psicanálise.

* Discurso proferido em 31 de julho de 2005 no 44º Congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), no Rio de Janeiro, na cerimônia de posse de Cláudio Laks Eizirik como presidente da IPA.

** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e Presidente da IPA.



“Para servir-vos, braço às armas feito,
Para cantar-vos, mente às musas dada.”
(Camões, 1572, p. 529)

Com essas palavras de Camões, que expressam minha atitude mais profunda em relação à psicanálise, recebo a presidência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) das mãos honradas e íntegras do Prof. Daniel Widlocher.

De um ponto de vista pessoal, viver este momento, na companhia de minha família e de tantos amigos e colegas, evoca também uma expressão de um personagem da campanha gaúcha, o Liroca, fruto da mente criativa de Erico Verissimo, que, ao se deparar com uma situação nova, surpreendente e meio incrível, exclamava: “Eta mundo velho sem porteira!” (1961, p. 34).

Vivemos um particular momento de nossa disciplina e de nossa Associação. Estamos reunidos pela primeira vez no Brasil, pela terceira na América Latina e celebramos, nesses dias, um dos mais freqüentados e bem organizados congressos dos últimos anos.

Ouvimos dizer que a psicanálise está em crise e acompanhamos, ao mesmo tempo, um crescente interesse por nossas teorias, um vívido florescer de novos desenvolvimentos e sua crescente aplicação nos campos da saúde mental e das ciências humanas. Recebemos estatísticas de que há menos pacientes em análise e menos candidatos nos institutos e, ao mesmo tempo, tanto em nossas publicações quanto em nossos congressos, encontramos relatos de material clínico analisado e discutido com rigor técnico e apuro metodológico.

Há um descompasso entre as notícias que se referem a uma suposta crise da psicanálise e a vigorosa realidade que nos é dada perceber e construir conjuntamente, cada um em sua prática analítica.

Alguns exemplos recentes do nível de debate interno que se trava no movimento psicanalítico estão na discussão entre dois dos nossos maiores pensadores do momento: Robert Wallerstein e André Green. Para apreciar o significado deste intercâmbio de idéias, publicado há menos de um mês no *International Journal of Psychoanalysis* (IJPA), deve-se destacar que cada um destes autores representa uma escola, uma forma de pensar a psicanálise e uma região com suas peculiaridades culturais e históricas.

Em suma, o que propõe Wallerstein (2005) é que existe um solo comum da psicanálise que se encontra ao nível de sua teoria clínica e que o pluralismo psicanalítico, ou seja, a existência de várias teorizações ou metapsicologias, pode não ser uma tendência duradoura e que seja possível evoluir para maiores convergên-



cias e ampliar desta maneira o solo comum. Na sua visão, a psicanálise é uma ciência e deve poder posicionar-se entre as diferentes disciplinas científicas com metodologias reconhecíveis, que permitam a pesquisa empírica.

Green (2005) critica esta postura de reconhecer um solo comum como uma ilusão e um mito, destaca que pessoas de uma determinada orientação de fato não são capazes de ouvir outra orientação e apenas repetem seus argumentos e propõe que a psicanálise não é uma ciência, nem um ramo da hermenêutica e sim uma prática baseada no pensamento clínico que leva a hipóteses teóricas. Para ele, um possível solo comum deve ter uma base sólida. Propõe então como único procedimento válido mostrar como um material clínico, consistindo em e baseado na exposição de uma seqüência de sessões e num processo analítico revelado em suficiente extensão, pode demonstrar a afinidade entre duas diferentes teorias, as quais, destaca ele, se baseiam em distintas técnicas e interpretações.

Entre a existência de um solo comum e a idéia de que isto não passa de uma ilusão e de um mito, eu gostaria de propor a noção de uma zona intermediária e sugerir que a psicanálise, neste momento, é uma obra em construção permanente, que passa por uma transição em que revisa e discute criticamente vários de seus pressupostos teóricos, reexamina seus diferentes modelos de formação e busca maior transparência e rigor na formulação, apresentação e discussão de material clínico, visando estimular e promover mais clara e objetiva avaliação de nossa competência clínica como analistas e abre-se para diálogos com os distintos sabores e setores.

Gostaria de ilustrar, através da menção a contribuições recentes a algumas das áreas centrais de nossa disciplina, exemplos do que me parece caracterizar esta zona intermediária que estou propondo chamar de uma obra em construção.

A necessidade de reais controvérsias em psicanálise foi estudada por Bernardi (2002), partindo da constatação de que a diversidade de posições teóricas, técnicas e epistemológicas torna o debate particularmente necessário e, ao mesmo tempo, difícil. Examina a função das controvérsias e os obstáculos ao seu desenvolvimento, tomando como exemplos os debates travados no Rio da Prata (em Buenos Aires e Montevideú) durante os anos 70, quando as então predominantes idéias kleinianas entraram em contato com o pensamento lacaniano. Bernardi (2002) examinou distintos exemplos dos discursos argumentativos, usando conceitos da teoria da argumentação. As maiores dificuldades encontradas não se relacionavam com as características específicas às teorias psicanalíticas (ou seja, a falta de comensurabilidade entre elas), mas nas estratégias defensivas que visavam manter as premissas de cada teoria a salvo dos argumentos do grupo oposto. Um verdadeiro debate implica a construção de um campo argumentativo compar-

tilhado que torne possível explicitar as diferentes posições e verificar alguma interação entre elas, sendo guiado pela busca do melhor argumento. Quando isto é possível, as controvérsias promovem o crescimento da disciplina, mesmo quando falham em chegar a qualquer consenso.

O trabalho de Bernardi (2002) é particularmente relevante no momento em que estamos empenhados no estudo, na descrição e numa real investigação conceitual sobre nossos diversos modelos de formação analítica. Esta é uma das tarefas principais que nos caberá desenvolver nos próximos anos. Nosso desafio consiste não só em realizar um trabalho rigoroso para examinar a coerência interna de cada modelo, mas também, e talvez principalmente, em manter um clima de real discussão baseada em argumentos e não em estratégias mutuamente defensivas.

No que diz respeito à discussão de pressupostos teóricos, Mondrzak (2005) et al estudaram as correlações entre trauma, causalidade e tempo, a partir de uma visão da mente como um sistema complexo. Consideram que o objeto de observação do psicanalista é a realidade psíquica, tornando necessário que possamos usar uma percepção intuitiva, que é capaz de perceber sem a intermediação da razão, posição implícita na proposta de Bion (1959) de observar sem memória e sem desejo e na de Matte-Blanco (1975) de afrouxamento das cadeias lógicas.

Contudo, no momento de formular uma interpretação, nossa mente necessita de noções lógicas. O que parece relevante é que essas noções correspondam à busca de um sentido e de alguma relação entre os fatos psíquicos, porém que não correspondam à crença em uma relação causal determinista. Nesta perspectiva, Mondrzak et al (2005) questionam a importância do conceito de trauma para o corpo atual da psicanálise, principalmente por sua conotação determinista implícita. Para eles, o psicanalista deve se contentar com a tentativa de apreensão e compreensão da experiência psíquica presente, a da sessão, buscando, ao fazer parte deste momento presente, participar dos infinitos elementos que constituem os também infinitos eventos psíquicos do paciente e, quem sabe, influenciar o imprevisível futuro do psiquismo alheio.

Como contraponto a tais idéias, contudo, poderíamos considerar as sucessivas contribuições de Marucco (1998), que, fazendo trabalhar as idéias freudianas, como diria Laplanche, propõe a noção de zonas psíquicas, sua constituição e suas formas de estruturação, inconscientização e funcionamento, assim como suas relações com a psicopatologia e seus recursos para o trabalho clínico. Ou os desenvolvimentos do casal Botella (2002), nos temas da representabilidade e da figurabilidade. Tanto naquele como nestes autores, a noção de trauma, assim como as considerações sobre os negativos de trauma continuam desempenhando um



papel central. Serão tais abordagens excludentes, ou poderemos estimular entre elas reais controvérsias?

Controvérsias também não faltam quando o tema é pesquisa em psicanálise. Recentemente temos observado estimulantes desenvolvimentos na pesquisa conceitual, considerada por muitos, juntamente com a pesquisa clínica, como o terreno específico da psicanálise. Minha dificuldade com tal posição é justamente a tendência inevitável a uma polarização que me preocupa por seu potencial reducionista, resolvendo a dificuldade argumentativa através de uma decisão que pode ser apenas política ou circunstancial ou um argumento de autoridade. Vejamos, portanto, um exemplo de pesquisa empírica que parece ser altamente relevante para nosso momento.

Como podemos estudar a qualidade dos tratamentos analíticos? A partir desta pergunta, Leutzinger-Bohleber (2003) e seus colegas realizaram um estudo de *follow-up* naturalístico, de múltiplas perspectivas de quatrocentos e um casos de análises e psicoterapias analíticas realizadas por membros da Associação Psicanalítica Alemã, concluídas entre 1990 e 1993. Entre setenta e oitenta por cento dos pacientes obtiveram boas e estáveis mudanças psíquicas conforme a avaliação dos próprios pacientes, de seus analistas, de *experts* independentes, tanto analistas como não analistas, assim como através de questionários usualmente aplicados na pesquisa em psicoterapia. A avaliação da saúde mental mostrou redução de custos através de menor número de dias licença por doença nos sete anos posteriores ao término do tratamento. Os resultados obtidos por instrumentos não analíticos foram complementados pela riqueza dos dados obtidos através do exame qualitativo realizado com estudos de casos.

Este e tantos outros estudos sobre a efetividade da psicanálise como um método de tratamento são relevantes em nosso indispensável diálogo com os sistemas de saúde, com a psiquiatria, com a psicologia e com a universidade, de onde, ao contrário do que ocorria em décadas passadas, nos afastamos mais do que seria desejável e em relação à qual necessitamos desenvolver um vigoroso esforço de reaproximação, através de um centro de estudos de pós-graduação em psicanálise, dos estímulos a que nossos jovens colegas retomem seu interesse pela carreira acadêmica e de uma política geral de interface com as ciências humanas e as ciências da saúde.

Entre os que insistem que nossos interlocutores por excelência são as ciências humanas e os que advogam expandir o diálogo com as ciências da natureza, situo-me na posição de que não podemos abrir mão de nenhum dos dois.

A neuropsicanálise é um desenvolvimento recente que tem permitido diálogo construtivo e construção de áreas comuns de pesquisa e estudo de conceitos



básicos da psicanálise, assim como avanços na complexa teia de interações com as neurociências.

Ao mesmo tempo, a interlocução com a filosofia, a crítica literária, a história e a antropologia têm produzido estimulantes novos desenvolvimentos.

Retomando a proposição de Green (2005) sobre a necessidade de um rigoroso exame do trabalho clínico, penso que preocupações semelhantes têm sido destacadas por autores como Betty Joseph, com sua proposta de que devemos procurar onde está o contato emocional vivo e imediato entre paciente e analista como um pré-requisito para a verdadeira compreensão. Vários de nossos autores atuais têm voltado sua atenção para o trabalho clínico e contribuído, a partir de diferentes perspectivas, para uma renovada valorização da clínica psicanalítica e para a necessidade de mais rigor e atenção ao fato clínico, sua formulação e métodos de avaliar nossos procedimentos interpretativos e sua real significação para o processo analítico. Entre os mais envolvidos nesta tarefa, podemos encontrar Kernberg, Ferro, Faimberg, Bolognini, Renik, Jacobs, Gabbard, Tuckett, Rocha Barros, Etchegoyen, Romanowsky, Vollmer, Schwaber.

De fato, neste momento e com tantos desenvolvimentos, penso que nosso maior desafio consiste em recolocar a sala de análise no papel central que lhe corresponde como o local em que se decidirá o futuro de nossa disciplina. Acompanhando todos os demais desenvolvimentos, devemos poder reconhecer que o centro unificador de nossa disciplina e mesmo de nossa razão de ser é o empreendimento terapêutico e ético que somos capazes de realizar com cada um de nossos pacientes. A partir dessa premissa, estabelecemos como nossa prioridade desenvolver um contínuo, ambicioso e abrangente programa científico entre as três regiões centrado no trabalho clínico e no estímulo ao desenvolvimento de possibilidades de formulação, teorização e constante afinamento de nosso instrumento básico, definido desde Freud como a nossa mente.

Todos esses desafios, distintas áreas, necessidade de controvérsias, multiplicidade de perspectivas, algumas aparentemente inconciliáveis, parecem-me bastante ilustrativos da noção que proponho neste momento para caracterizar nosso movimento. Retomo aqui não só esta palavra tão apropriada para descrever o que somos, um movimento psicanalítico, que Freud usou no título de seu trabalho de 1914, como gostaria de destacar sua epígrafe de então, o brasão da cidade de Paris, *Fluctuat nec mergitur* (as ondas o abalam, mas não o afundam), uma bela metáfora que então como agora descreve a vitalidade deste empreendimento.

Pois, afinal, como progride uma obra, seja ela de engenharia, literária, científica, uma idéia, um sistema de pensamento ou um embrião humano? De forma ordenada, harmônica, organizada, seguindo rigorosamente um plano preestabele-



cido? Ou evolui sujeita às condições cambiantes do tempo, daqueles nela envolvidos, do ambiente e das condições internas? Por que esperar da psicanálise e da IPA uma coerência interna e externa e um funcionamento que não cobramos de nenhuma outra disciplina ou instituição em progresso?

Assim como um embrião se desenvolve por transformações em que assume por vezes formas grotescas e desproporcionais, para finalmente dar origem a seres que se encontram entre as mais belas criações da Natureza, nossa psicanálise cresce e se desenvolve de maneira desproporcional em cada um de seus distintos segmentos. Por vezes vivemos situações grotescas, trágicas, deprimentes, por vezes descremos de nossa capacidade mental de funcionar como analistas ou como um grupo em que predomine a racionalidade e a causa comum.

E muitas vezes somos capazes de trabalhar em conjunto, de forma organizada e cooperativa, como estamos observando neste Congresso do Rio, como muitas vezes ocorre em nossa Associação e em nossas federações regionais e sociedades componentes, através de discussões, encontros e publicações em que encontramos exemplos de reais controvérsias em psicanálise.

Dentro de dois anos, voltaremos a encontrar-nos em Berlim como estamos fazendo aqui no Rio, para então refletir sobre o tema oficial *Recordar, repetir e elaborar na psicanálise e na cultura hoje*. Penso que conseguimos encontrar, com esse tema, uma boa síntese das várias questões que estamos enfrentando na psicanálise como prática clínica, disciplina e profissão e que nos permitirá, ao mesmo tempo, conversar com a cultura e conosco mesmos sobre o impacto de uma situação traumática específica, o nazismo e suas múltiplas repercussões sobre todos e cada um de nós, e uma certa concepção de cultura que adotamos.

E, no entanto, como afirmou Borges em seu último livro:

[...] ao cabo dos anos observei que a beleza, como a felicidade, é freqüente. Não passa um dia em que não estejamos, um instante, no paraíso. Não há poeta, por medíocre que seja, que não tenha escrito o melhor verso da literatura, mas também os mais infelizes. A beleza não é privilégio de uns quantos nomes ilustres. Seria muito estranho que este livro [...] não entesourasse uma só linha secreta, digna de acompanhar-te até o fim. (1985, p. 455).

A beleza da psicanálise pode ser encontrada em muitas páginas de Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Bion, Winnicott, Lacan, Racker, mas também na prática clínica de cada analista que busca afanosamente aquele misto de atividade artística e atlética quase até o limite de que nos fala Meltzer (1967).

O impacto estético de nossa obra em construção está em sua natureza inter-





Cláudio Laks Eizirik

minável, provisória, intermitente, às vezes caótica ou desesperadora, outras vezes incompreensível ou enigmática, mas propondo a cada um a disposição inquebrantável de um pequeno Sísifo.

Face à magnitude da tarefa que nos espera, consideremos, com Geir Campos ([19 -], p. 103):

Não faz mal que amanheça devagar,
as flores não têm pressa nem os frutos:
sabem que a vagareza dos minutos
adoça mais o outono por chegar.
Portanto não faz mal que devagar
o dia vença a noite em seus redutos
do leste – o que nos cabe é ter enxutos
os olhos e a intenção de madrugar. □

Abstract

Psychoanalysis as work-in-process

Cláudio L. Eizirik's speech on taking office as President of the International Psychoanalytical Association (IPA), during the 44th IPA Congress in Rio de Janeiro, in July 2005, highlights the psychoanalytic pluralism, recalling the different theoretical and metapsychological lines and the importance of common ground, the clinical material and the evolution of the psychoanalytic process. He also points out the need to share real controversies and suggests that psychoanalysis is a work in permanent process that undergoes transition and reviews its concepts.

Keywords: Psychoanalytic pluralism. Multiplicity of theoretical and metapsychological lines. Psychoanalytic process. Controversies in psychoanalysis.





Resumen

Psicoanálisis como una obra en construcción

El discurso de Claudio Eizirik, en la solemnidad de posesión de la presidencia de la Asociación Psicoanalítica Internacional, durante el 44 Congreso de la IPA en Rio de Janeiro en julio de 2005, señala el pluralismo psicoanalítico recordando los muchos vértices teóricos y la importancia de un posible substrato común, o sea, el material clínico y la evolución del proceso psicoanalítico. Señala incluso la necesidad de que se compartan controversias reales. Finaliza con la sugerencia de que el psicoanálisis es una obra en permanente construcción, que vive un período de transición y que revisa sus conceptos.

Palabras llave: Pluralismo psicoanalítico. Multiplicidad de vértices teóricos y metapsicológicos. Proceso psicoanalítico. Controversias en psicoanálisis.

Referências

- BERNARDI, R. (2002). The need for true controversies in psychoanalysis: the debates on Melanie Klein and Jacques Lacan in the Rio de La Plata. *Int. J. Psycho-anal.* v. 83, n. 4, p. 851-875.
- BION, W.R. (1959). Método científico. In: ———. *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 16-36.
- BORGES, J.L. (1985). *Obras completas*. v. 3. São Paulo: Globo, 1999.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. [2002]. *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana, 2002.
- CAMÕES, L. (1572). *Os Lusíadas*. Coimbra: Instituto Camões, 2000.
- CAMPOS, G. [19 -]. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 2003.
- FREUD, S. (1914). *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GREEN, A. (2005). The illusion of common ground and mythical pluralism. *Int. J. Psycho-anal.* v. 86, n. 3, p. 627-631.
- LEUTZINGER-BOHLEBER, M. et al. (2003). How to study the “quality of psychoanalytic treatment’s” and their long-term effects on patients’ well-being: a representative, multi-perspective follow-up study. *Int. J. Psycho-anal.* v. 84, n. 2, p. 263-290.
- MARUCCO, N. (1998). Posfácio: las neurosis hoy: en las vías de acceso a las “zonas psíquicas”. In: ———. *Cura analítica y transferencia: de la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998, p. 277-289.
- MATTE-BLANCO, I. (1975). *The unconscious as infinite sets*. Londres: Duckworth, 1975.
- MELTZER, D. (1967). O processo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- MONDRZAK, V. et al. Trauma, causalidade e tempo: algumas reflexões. In: CONGRESSO DA IPA. 44., 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: IPA, 2005. Disponível em: <<https://www5.shocklogic.com/scripts/JMEvent/abstracts/FIPA-200501-193861-1-Prop476+prop353%20Mondrzak%20paper%20english.doc>>. Acesso em: 5 out. 2005.





Cláudio Laks Eizirik

VERISSIMO, E. (1961). *O arquipélago*. v. 1. São Paulo: Globo, 1979.

WALLERSTEIN, R. (2005). Will psychoanalytic pluralism be an enduring state of our discipline?
Int. J. Psycho-anal. v. 86, n. 3, p. 623-638.

Recebido em 09/08/2005

Aceito em 17/10/2005

Cláudio Laks Eizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/307

90540-001 – Porto Alegre – RS- Brasil

e-mail: ceizirik.ez@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

